

PIXAÇÃO EM MACEIÓ - AL: a cena do pixo atual e as impressões de uma pixadpra mulher dentro do movimento

Maria Victória Silvestre de Souza Bezerra¹

Resumo

A cena da pixação em Maceió é bastante significativa. O que começou com protestos sociais, passou entre os pixadores de torcidas organizadas até chegar nas crews e pixadores independentes de hoje. Foram registrados oito grandes grifes existentes na cidade e elas são, majoritariamente, formadas homens. Em 2017, nasceu o Crew das Minas, grupo formado apenas por pixadoras mulheres que encontraram resistência para adentrar às crews masculinas. Hoje, apesar de possuir sua própria crew, elas ainda encontram dificuldades como a insegurança de estarem sozinhas na madrugada, a falta de confiança dos pixadores homens e o tratamento diferenciado quando se trata de gênero.

Palavras-chave: pixação, mulheres, Maceió.

Pixação in Maceió - AL: the current *pixo* scene and the impressions of a *pixadora* woman inside the movement

Abstract

The pixação scene in Maceió is very influential. What started with social protests went through the fan groups of soccer to the independent pixadores and crews and found today. Eight major crews were registered in the city, however, the most of them, have only men participating. In 2017, Crew das Minas was born, a group formed only by women who found resistance to enter in to the male crews. But, despite having their own group, they still encounter difficulties such as the insecurity of being alone at streets, the lack of confidence of the male pixadores and the different treatment when it comes to gender.

Keywords: pixação, women, Maceió.

Introdução

Deve-se explicar que, nesse trabalho, a palavra pixação foi propositalmente escrita com “x” e não com “ch”, ao contrário do que rege as normas de ortografia. Isso porque, dentro do movimento, essa grafia é utilizada pelos pixadores como mais uma forma de transgressão e enfrentamento não só com a polícia mas também com a sociedade, segundo CRIPTA DJAN (016), pixador paulista com mais de 20 anos de atuação. E, em respeito a eles, não poderia fazer diferente.

O trabalho a seguir nasceu a partir de pesquisas para o desenvolvimento do meu Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Após sua aprovação, passei a questionar meus posicionamentos enquanto mulher diante do tema e do processo de estudo, além de pontos que não consegui incluir naquele momento, como a relação da pixadora mulher dentro de um movimento ainda tão masculino. Aqui, trago algumas dessas discussões inseridas na cidade de Maceió, Alagoas.

. A cena da pixação em Maceió

A pixação é uma intervenção urbana que une várias cidades que apresentam problemas sociais similares. Para explicar melhor, é importante compreender como se deu o processo de urbanização das grandes cidades ocorrido no final do século XX. Utilizando conceitos encontrados em *Morte e Vida das Grandes Cidades*, de Jane Jacobs, Filardo (2015) fala como a priorização dos automóveis resultou em grandes obras viárias que, além de gerar enormes zonas cinzas e sem pertencimento, também foi responsável por um espraiamento territorial que criou zonas residenciais e comerciais afastadas, espaços inutilizados, grandes muros e perda de urbanidade.

Ainda pode se somar a formação histórica das cidades brasileiras, que separou a periferia dos grandes centros, o que contribuiu para um espaço urbano suscetível à violência, o abuso policial, o crime e a pobreza.

Maceió, capital de Alagoas, não foge à regra. Destino turístico pela beleza de suas praias, o município ainda apresenta menos de 50% de esgotamento sanitário adequado e quase 40% da população vivendo com até meio salário mínimo mensal (IBGE, 2017). A desigualdade social é percebida claramente em suas ruas e moradias irregulares. Nesse ambiente, o pixo cresceu e se tornou um forte meio de tomada de espaço das populações periféricas.

O primeiro registro encontrado é relacionado a protestos sociais, como pedidos pelas Diretas Já na Igreja de São Gonçalo, no bairro do Farol, em 1984, onde também era possível se ler *Nossa Senhora da Rebelião*. Depois, no início década de 90, com a criação das torcidas organizadas dos dois maiores times de futebol da cidade, a Mancha Azul (CSA) e Comando Vermelho (CRB), as pixações de disputa de território entre elas tomaram conta da cidade e, até hoje, são vistas não só em Maceió como em todo o Estado. Normalmente, elas são encontradas atropeladas² pelas inscrições do time rival.

Mas, além das torcidas organizadas, as grifes/crews³ de pixações em Maceió são

² Como os pixadores chamam o ato de pixar por cima de uma inscrição já feita. Ato considerado desrespeitoso.

³ Nomes dados aos grupos de pixadores. O mesmo pixador pode participar de mais de uma crew ou grife.

¹ Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas.

Imagens 1 e 2: Igreja de São Gonçalo, no bairro do Farol, em 1984, com pixações a favor do movimento das "Diretas Já" e pixo da torcida Comando Vermelho atropelado pelo da torcida Mancha Azul em 2019. Fonte: Facebook/Grupo Maceió Antigo e acervo da autora, 2019.



bem representativas. Segundo PEREIRA (2010, p. 147), ao lado de suas tags⁴, os pixadores costumam inscrever o símbolo de seu grupo, não seu nome por extenso. Após um trabalho de campo e virtual para encontrar os responsáveis pelas tags espalhadas pela cidade, foram encontradas oito crews: PIXAL (Pixação Alagoas), M\$M (Mulher, \$kate, Maconha), SCP (Seguidores da Cultura Proibida), 20_01, Zona Única, Anarkopunks, UARAL (União dos Artistas de Rua de Alagoas) e a Crew das Minas.

Não é comum, na cidade, haver rixas entre tais grifes. A cena da pixação em Maceió é, normalmente, unida e seus integrantes organizam eventos ligados ao pixo, hip hop, skate e outras expressões para integrar e valorizar a cultura local.

Nas imagens abaixo, é possível ver os símbolos das grifes encontradas e suas variações, tanto nos materiais escolhidos (spray, rolinho e caneta) quanto na escrita. Alguns utilizam as siglas dos seus grupos enquanto outros fazem inscrições mais iconográficas.

Imagens 3 a 10: Símbolos das grifes PIXAL, M\$M, SCP, 20_01, Zona Única, Anarkopunks, UARAL e Crew das Minas, respectivamente. Fonte: Autora, 2019.



⁴ Nome dado às assinaturas ou codinomes normalmente inscritos pelos pixadores.

O ser mulher dentro da pixação

O processo de pesquisa foi longo já que quase não há registros do movimento na cidade. Ao buscar por tags pixadas reconhecidas e hashtags próprias do pixo em Alagoas, foi possível encontrar algumas contas no Instagram e tentar entrar em contato. No entanto, a maioria desses perfis são privados e boa parte deles sequer responderam as mensagens enviadas. Isso porque toda a sua ideologia não permite uma *promoção pessoal*.

Além dessa dificuldade, havia o receio de ser uma mulher tentando adentrar um universo ainda tão masculino. Com exceção do Crew das Minas, grupo formado somente por mulheres, e da M\$M que, recentemente, aceitou uma mulher como participante, todos os outros têm como componentes somente homens. Mesmo que nenhum dos entrevistados se mostrassem desrespeitosos ou invasivos, quando um deles se ofereceu para subir comigo no Edifício Palmares, um prédio público abandonado no bairro do Centro e que é muito relevante para os pixadores, preferi ir sozinha ao estar num lugar vazio com um desconhecido, o que tive também não consegui fazer ao chegar na entrada da obra.

Aqui vale destacar a relação da pixação com os vazios urbanos da cidade. Mais da metade as pixações encontradas no bairro do Centro de Maceió estavam em edificações inutilizadas (BEZERRA, 2019). A maior parte deles eram prédios privados, mas há grandes edifícios públicos que estão desativados há anos, como mostram as imagens a seguir:



Imagens 11 a 14: Edifício Palmares, referência para os pixadores no bairro do Centro em Maceió. Fonte: da autora, 2019.

Os momentos escolhidos para fotografar as intervenções também foram influenciados pelo fato de ser uma mulher pesquisadora. Eram sempre horários de muito movimento e ainda assim a sensação de insegurança era presente. Outra preocupação foi o fato de, no início, não ter sido possível contactar pixadoras mulheres e não poder confrontar suas opiniões sobre determinados temas com as dos pixadores homens.

Como no caso do Banks⁵, no bairro de Ponta Verde, área nobre de Maceió, em 2018.

Em julho de 2018, a Praça Muniz Falcão, mais conhecida como a Praça do Skate, local que sempre foi frequentado pelas comunidades do skate, hip hop e artistas de rua, estava sendo reformada pela prefeitura e, antes mesmo de ser entregue, teve suas pistas marcadas por pixos de conteúdo feminista. Além da desaprovação dos moradores em geral, as inscrições também foram criticadas pelos próprios skatistas. É preciso destacar que, antes dos reparos, a praça já contava com inúmeros grafites e pixos, que são comuns à todas as pistas do esporte no mundo, o que faz se interpretar que o problema não seria o pixo em si, e sim o tema dele.



Ao perguntar sobre o ocorrido a um pixador homem, ele respondeu que os skatistas se incomodaram não só com os pixos feministas, mas também com os de outros pixadores. O que foi confirmado, posteriormente, em entrevista, por uma participante do Crew das Minas. No entanto, ela revela que o tratamento dado aos casos foram distintos:

Mas enfim, mais uma vez, quando aconteceu com os caras foi uma coisa mais contida, quando aconteceu dos rapazes pixarem lá, a pista do Banks, foi uma indignação mais contida, mas quando foi com as minas, as coisas se tornam bem mais violentas. A imposição patriarcal tá sempre ali, sempre muito forte na forma como eles expressam, na forma como ofendem, né. Chamam de puta, de rapariga, de vários termos machistas, vários termos de depreciação, coisa que não acontece quando é um cara. Tem a questão da contradição entre as próprias meninas, porque algumas meninas não tem noção do feminismo, apesar de ter uma noção do tentar se empoderar, ainda não tem muita noção de empatia. Então, diante de estar nesse espaço machista, de ouvirem muito essas posições machistas, algumas acabam reproduzindo e defendendo até que a praça ainda estava em construção, sendo que isso não tem nada

a ver, isso todo mundo sabe. E quando rolou com os caras e a galera do skate retalhou, a galera do pixo abraçou, mas quando foi com as minas primeiro, eles tavam segregando. (Entrevista com participante do Crew das Minas, 2019).

O Crew das Minas, formado em 2017, tem atualmente cinco integrantes: Coala, Lizz, Maryjeni, África e Preta. Antes ainda contavam com as pixadoras Atena e Fada, a última é hoje participante da M\$M. Ela conta que o grupo foi criado justamente pela não aceitação de mulheres nas crews já existentes. Mesmo que, muitas vezes, eles piassem juntos, as mulheres não tinha espaço dentro da grife.

Em primeiro momento, somos eu, Lizz e a Maryjeni. E a Lizz teve essa ideia de criar uma Crew das Minas justamente porque ao entrar nesse movimento, a gente notou que era um espaço completamente masculino, e como toda a sociedade que a gente vive também, extremamente machista. Onde as meninas só iam pra rolê quando tinham algum namorado do rolê, ou tava sempre de casazinho e não tinham espaço nas crews dos caras, entendeu? Tipo, as meninas iam pixar e tal com a galera, mas as crews eram fechadas entre homens. (Entrevista com participante do Crew das Minas, 2019).

Outro ponto levantado foi o fato de todas as tags femininas encontradas nas ruas estavam juntas de outras masculinas. A pixadora falou da dificuldade de reunir somente as mulheres para dar rolê, já que elas moram em locais muito separados da cidade e não têm meios próprios de transporte, ao contrário dos homens, por isso muitas acabam pixando junto dos namorados. Outro motivo é a segurança. Ser mulher e estar sozinha na madrugada, segundo ela, é muito mais perigoso, fator importante para preferirem estar acompanhadas de algum homem.

Apesar de serem amigos e darem rolês juntos, ela fala que quando há algum problema, os homens, que são maioria, não lidam da mesma forma com pixadoras e pixadores.

Essa questão é bem difícil, né, porque, se você não tem um brother, alguém mais próximo assim, acaba meio sendo separada, sabe? Aconteceu questões de exposição de uma das meninas das crew e os caras foram extremamente agressivos com ela e em outra situação em que um rapaz foi exposto eles se comoveram completamente, sabe. É muito grande a diferença e é muito difícil de lidar com isso porque eles são maioria, né, eles são maioria e acaba que o julgamento é muito mais pesado, como em tudo, né, que a gente vive numa sociedade patriarcal (Entrevista com participante do Crew das Minas, 2019).

Ao ser questionada se, desde o início do grupo, em 2017, até hoje, houve uma melhora em relação ao respeito dos pixadores homens com as mulheres, ela respondeu:

Rapaz, eu acho que os posicionamentos melhoraram, sabe? Eles têm sido mais discretos ou têm escondido mais o seu machismo diante de alguns conflitos. Mas eu ainda continuo achando que eles não botam fé, e acho que eles sempre deixam bem claro que eles não botam muita fé nas meninas assim, de tipo, continuidade, sabe, porque a gente entende que na nossa sociedade as mulheres têm menos tempo que os homens, porque elas têm sempre jornadas

⁵ Nome dado pelos frequentadores da praça para a pista de skate.

duplas e triplas e que, pra gente tá na rua, é muito mais complicado por causa de perigo. Então, quando não acompanhadas por eles, eles sempre acreditam que a gente vai parar, que a gente vai desistir, que a gente tá fazendo por modinha porque a gente realmente não entende o intuito [...] (Entrevista com participante do Crew das Minas, 2019).

Ela ainda fala sobre a maior preocupação do grupo em passar uma mensagem através das pixações:

Sendo que assim, aqui em Maceió principalmente, a galera ainda não entende muito o intuito, a galera fica “ah, eu vou fazer o pixo mais alto”, “um pixo maior”, sabe, e não se importam muito com a mensagem que passam com ele e tal e que é uma coisa que a gente tem mais em mente, de ter uma questão mais empática, de ter uma questão de passar algo realmente, não só tá ali mostrando uma fonte legal, não só mostrando que sobe alto pra fazer um pixo. Então pra gente tá construindo isso é um processo muito maior, sabe (Entrevista com participante do Crew das Minas, 2019).

Imagem 16: Muro que separa os trilhos do VLT no bairro da Levada em Maceió com vários grafexos. Fonte: da autora, 2019.



Imagem 17: Tags das pixadoras Atena e Fada, antigas componentes da Crew das Minas. Fonte: da autora, 2019.



Imagem 18: Tags das pixadoras Atena e Fada, antigas componentes da Crew das Minas. Fonte: autora, 2019.



Imagem 19: Tag da pixadora Lizz, uma das fundadoras do Crew das Minas, junto de outras pixações feitas por homens. Fonte: da autora, 2019.



Imagem 20: Estilo de tag da pixadora Lizz, uma das fundadoras do Crew das Minas. Fonte: da autora, 2019.

As falas da entrevistada evidenciam-se nas imagens das pixações femininas encontradas nas ruas da cidade. É raro existir uma tag feita por uma pixadora que não esteja junto de outras tags masculinas, o que é justificado pela vulnerabilidade da mulher no espaço urbano. A seguir, tags de uma das fundadoras do Crew das Minas, a Lizz, em muros no bairro do Centro e de Jaraguá, ambas rodeadas por pixações feitas por homens.

Considerações finais

Assim como outros grupos majoritariamente masculinos, a pixação também se mostra como um lugar essencialmente machista. Sabe-se que são, geralmente, também indivíduos excluídos da sociedade, mas na relação de poder homem versus mulher, eles se tornam maioria e usam sua influência.

Muito embora tenham fortes opiniões politizadas contra o Estado e o governo, essa consciência não é encontrada no espaço dado às mulheres que também querem fazer o pixo. Não se pode cobrar mais deles do que dos outros homens brasileiros. Dentro da cultura em que foram criados, é natural esse tipo de comportamento. O que não se pode achar é que deve ser perpetuado.

O papel da Crew das Minas é muito importante nesse processo. É preciso dar o primeiro passo, se unir, mostrar seus pontos de vista. Isso aconteceu e acontece em vários campos, com a pixação não é diferente. Ainda mais porque é, relativamente, um tipo de movimento recente dentro das discussões sociais.

Além do ambiente do pixo, também é necessário repensar a segurança da mulher no espaço público. Mesmo após anos de luta e conquistas, as mulheres ainda sentem medo do simples fato de andar na rua ou usar um transporte público. Claro que, grandes mudanças só serão alcançadas ao se alterar também a criação dos homens na comunidade, mas já existem formas conhecidas de se usar o planejamento urbano a favor das sensações de liberdade e confiança.

Referências bibliográficas

ALEXANDRINO, Beatriz; PADILHA, Estéfane; MAGALHÃES, Mateus Antonio; ÁVILA, Janayna da Silva. *Futebol e Violência em Maceió: a influência midiática na rivalidade entre CRB e CSA*. Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1215-1.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2019.

Gazeta Web. *ARTE: A beleza do grafite e a marginalidade atrelada ao picho*. Maceió, julho de 2018. Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2018/07/a-beleza-do-grafite-e-a-marginalidade-atrelada-ao-picho-_58683.php>. Acesso em 04 de julho de 2019.

BEZERRA, Maria Victória Silvestre de Souza. *Pixo Central: A pixação na paisagem urbana do Centro de Maceió-AL*. 2019. Trabalho Final de Graduação - Universidade Federal de Alagoas. Curso de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2019.

FILARDO, Pedro. Pichação (pixo): *Histórico (tags), práticas e paisagem urbana*. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.187/5881>>. Acesso em 29 de maio de 2019.

IBGE. IBGE - *Cidades*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 13

de agosto de 2019.

LAMBERTI, Renata Sant'Anna. *Pixo, logo existo: Vozes de pixadores da cidade de São Paulo*. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21582>>. Acesso em 01 de junho de 2019.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *As marcas da cidade: A dinâmica da pixação em São Paulo*. Lua Nova. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a07n79.pdf>>. Acesso em 05 de novembro de 2019.

Pichação na Praça do Skate reacende debate sobre limites da arte de rua. Cada Minuto. Maceió, julho de 2018. Disponível em: <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/323359/2018/07/10/pichacao-na-praca-do-skate-reacende-debate-sobre-limites-da-arte-de-rua>>. Acesso em 04 de julho de 2019.

Prédio do INSS vira esqueleto sem dono em Maceió. Repórter Nordeste. 2017. Disponível em: <<https://reporternordeste.com.br/predio-do-inss-vira-esqueleto-sem-dono-em-maceio/>>. Acesso em 04 de julho de 2017.

SALLES, Iuri. *Por dentro da exposição Em Nome do Pixo do Cripta Djan*. VICE, 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/z4b7da/exposicao-pixo-cripta-djan>. Acesso em 04 de junho de 2019.